



Trajетórias de mulheres migrantes na cidade de Boa Vista: experiência migratória, gênero e geração (1980- 2000).

Dra. Raimunda Gomes da Silva\*

A partir das narrativas de trajetórias de seis mulheres<sup>1</sup> nordestinas de gerações e lugares diferentes, busca-se identificar as redes migratórias e os perfis de mulheres que participaram de processo de saída e acolhimento, para entender em que medida a experiência migratória dessas mulheres na capital roraimense contribuiu com mudanças em direção a sua autonomia, bem como que outras subjetividades de gênero de mulheres se configuram em cada geração. Essa análise foi desenvolvida na tese intitulada “Deslocamentos, sonhos, desafios e identidades: experiência de mulheres nordestinas em Boa Vista/Roraima (1985 - 2000). No momento, amplia-se o campo de pesquisa para um grupo de 25 mulheres de diferentes lugares que protagonizaram o próprio deslocamento por meio do Projeto “Migrações e experiência migratória de mulheres protagonistas: deslocamentos, gênero, subjetividades na cidade de Boa Vista (1980 – 2000)”, pesquisa em fase inicial.

O contexto em estudo revisita uma etapa de movimento entre o Norte e o Nordeste por meio de divulgação da Amazônia como um espaço de oportunidade para pessoas com qualificação e sem qualificação movidos pelo garimpo, assentamento e inserção profissional no funcionalismo público. Conforme Vale (2014),

*[...] fluxo entre regiões pobres como o Nordeste e a Amazônica pode estar no apelo estatal local que se mostra mais forte. Este pode ser o diferencial, aonde o migrante nordestino não vem para a Amazônia tirar o emprego ou ser submisso economicamente à população local, vem, sim, dar um suporte estrutural, necessário para alavancar a economia local que ainda se encontra em estado latente de desenvolvimento, no mesmo instante em que esse encontra apoio necessário para ascensão social não conseguindo no Nordeste, pois é percebido que os fluxos ocorrem num primeiro momento rural/rural (inter-regional), para depois rural/urbano (Intra-regional) e num terceiro momento urbano/urbano, evidenciando uma melhoria no padrão econômico e não um êxodo. (VALE, 2014: 71)*

Diante disso, percebe-se que os excertos supracitados desconstruem as representações hegemônicas e estereotipadas. Descortinam-se diferentes sujeitos ativos no processo de

---

\* Professora de História da Universidade Estadual de Roraima – UERR, Doutorado em História pela PUC-SP.

<sup>1</sup> Inicialmente cada mulher será apresentada com o nome completo, porém no corpo do texto será usado o prenome de cada uma, no sentido de “recuperar o papel da mulher e não a linhagem de família”. E também por ser uma prática cultural brasileira, e muito presente no Nordeste. Essa decisão de uso do prenome segue a orientação do Dicionário Mulheres do Brasil - SCHUMAHER, Schuma; BRASIL, Érico Vital (Orgs.). **Dicionário Mulheres do Brasil**: 1500 até a atualidade, biográfico e ilustrado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2000, p.15. Ressalta-se ainda que três mulheres têm nomes fictícios: Lena, Evilene e Maria Maria. Decisão tomada em respeito ao pedido das depoentes.



construção de novos territórios a partir da reinvenção da cultura nordestina na apropriação de novos espaços, na produção de novos símbolos e atuações dos(as) nordestinos(as) em Roraima na virada do século XX para o XXI.<sup>2</sup> Etapa de deslocamento das mulheres em estudo. Essa presença também foi observada no relato da professora Roseli Santos, uma das mulheres entrevistadas nesta pesquisa, que também se deslocou para a Amazônia por considerar que haveria mais possibilidades de conquista de espaço do que no Centro-Sul do país:

*Eu vou fazer o que em uma cidade grande? Trabalhar o dia todinho em uma fábrica? Porque o Gilvan, meu professor de História, dizia: 'Olha, se vocês forem pra São Paulo, a maioria estuda e estuda... E se você tiver sorte, você arranja uma vaga de amassador de latas, se não alguém lhe dá uma arma e você vai assaltar' [risos]. Ele já dizia assim: 'Ou estuda ou... Até que vocês vão conseguir alguma vaguinha de trabalho, mas as pessoas que não têm conhecimento acabam se marginalizando.' E ele dizia a verdade. Mas Manaus é uma metrópole,... não é? Aquela área verde, com uma diversidade incrível. Aí eu posso ir pra lá, pra contribuir. Eu acho que o melhor lugar pra mim hoje é o Amazonas [...].<sup>3</sup>*

Apesar da visão pessimista da migração para o Sudeste apresentada pelo professor de Roseli para seus alunos, no conjunto, as citações anteriores suscitam duas observações. Primeiro, desconstruem o discurso que colocava como positiva a migração rumo ao Sudeste, como uma alternativa mágica, ou seja, em que o migrante poderia ter bom êxito no seu deslocamento sem levar em consideração os estudos e a qualificação profissional. Observa-se mudanças nos fluxos de migração para a Amazônia, em especial no perfil desses migrantes enfatizado por Vale (2014). Assim, como as discussões sobre a possibilidade de se deslocar para Amazônia ou São Paulo fazia parte do cotidiano dos(as) nordestinos(as) demonstrado por Roseli.

Verifica-se também que as representações do(a) migrante nordestino(a) que se deslocava para a Amazônia, configurava diferente subjetividade quando relacionado ao(à) nordestino(a) que se deslocava para o eixo do Centro-Sul do país, uma vez que este tem menos possibilidade de apropriação de bens e serviços do que aqueles(as) que se deslocavam para a Amazônia. Na Região Norte, o contexto requeria apropriação de espaço em diferentes setores ainda em processo de implantação e com necessidade de mão de obra com ou sem qualificação.

---

<sup>2</sup> Ana Lia Farias Vale é pesquisadora da temática da migração nordestina em Roraima, especialmente a cearense. Ela investiga a influência dessa migração na reestruturação da sociedade roraimense, especialmente no processo de construção e reconstrução de novos territórios na capital no final do século XX e no início deste.

<sup>3</sup> Depoimento de Roseli Bernardo Silva dos Santos, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 25/04/2013, em Boa Vista. Roseli é professora do Instituto Federal de Roraima, tem 48 anos de idade, é paraibana de João Pessoa e chegou a Boa Vista em 1990.



Desse modo, alguns migrantes podem ter mais oportunidade de inserção no mercado de trabalho e relações sociais mais horizontais.

As mulheres, em estudo nesta pesquisa, se deslocaram de pequenas cidades e de capitais nordestinas como Fortaleza, João Pessoa e Recife. São jovens e adultas que, com coragem, esperança de boas oportunidades e com seus currículos, se deslocaram para a Amazônia, especialmente para Boa Vista. Assim, voltar o olhar para esse perfil migratório não significa que a migração rural para a Amazônia tenha se reduzido de forma significativa a ele, mas permite identificar outras possibilidades de inserção migratória nas cidades do Norte. E, com isso, permite-nos mostrar oportunidades como a implantação de novas instituições – a exemplo da Universidade Federal de Roraima – e a estruturação do estado de Roraima.

Tal perspectiva também amplia os perfis da migração em direção à Amazônia, sejam migrações de família, profissionais, de pessoas sozinhas, para áreas rurais ou urbanas, de pessoas que almejavam experiências diferentes para si e para a família ou que buscam alternativas longe da tradição da comunidade de origem e/ou da própria família.

A utilização de trajetórias de experiência migratória tem como orientação Joan Scott (1996 e 1998), respectivamente gênero como uma categoria de análise histórica e experiência também vista como uma construção social, cultural histórica. Para tanto, considera-se necessário articular alguns conceitos fundamentais como as representações que tem um papel central nas relações que envolvem memória e história. Conforme Marieta de Moraes Ferreira(1998):

*[...] uma discussão mais refinada dos usos políticos do passado. Nessa vertente as subjetividades e as deformações do depoimento oral não são vistas como elementos negativos para o uso da história oral. Consequentemente, a elaboração dos roteiros e a realização das entrevistas não estão essencialmente voltadas para a checagem das informações e a apresentação de elementos que possam se constituir em contraprova, de maneira a confirmar ou contestar os depoimentos obtidos. As distorções da memória podem se revelar mais um recurso do que um problema, já que a veracidade dos depoimentos não é a preocupação central. São as representações desta visão. (FEREIRA, 1998:10).*

Desse modo, a representação tem papel fundamental, podendo a distorção da memória suscitar outras leituras, outras perspectivas, com a reinvenção de si e dos espaços de atuação já produzido por várias autoras brasileiras como (RAGO, 2013); (ASSIS, 2011); (MATOS, 2002), as quais apresentam diferentes experiências de mulheres, feministas e mulheres imigrantes que contribuíram para outras



representações do ser mulher.<sup>4</sup> Desafios que almeja-se neste estudo de mulheres que emigraram sozinhas e/ou protagonizaram o próprio deslocamento descortinar outras histórias a partir de suas narrativas.

Nesta análise foi utiliza-se a perspectiva de mulher protagonista segundo Passerini (2011), identificada como “gênero feminino sujeito do processo migratório”, (PASSERINI, 2011: 107-109), mulheres com poder de convencimento para a mudança, não só de um lugar para outro, e sim no intuito de reconstruir a vida em outro contexto. Sozinhas ou acompanhadas, dispuseram-se em busca alternativas tanto no campo material como nas práticas cotidianas, nas relações de poder, de gênero, criando vínculos afetivos ou não, se apresentando como sujeitos do processo de deslocamento.

Para tanto, no sentido de compreender os movimentos de construção e reconstrução da identidade de migrante recorre a Hall, 2005, em sua perspectiva de identidade regional enquanto uma construção histórica e dinâmica:

*É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (HALL, 2005: 13)*

Assim, compreende-se que nas identidades regionais, especialmente no que diz respeito às mulheres nordestinas que se deslocaram sozinhas para Boa Vista, há tensões que precisam ser problematizadas e historicizadas para, desse modo, contribuir para a desconstrução dos estereótipos regionalistas do(a) ser nordestino(a).

À medida que as mulheres em estudo são focalizadas, também se problematizam as relações sociais em geral que faziam e fazem parte delas, uma vez que consistem em sujeitos dinâmicos, plurais e também cercados de relações de poder. Assim, “um olhar de gênero não só procura o que há de cultural nas percepções das diferenças sexuais como também a influência das ideias criadas a partir destas percepções na construção das relações em gerais” (PINSKY, 2010:34). Ou seja, as experiências das mulheres congregam marcas de um tempo e um espaço social, o que vai além das diferenças sexuais. É dentro deste contexto que se constroem as trajetórias das mulheres selecionada.

Trajetoórias

## 2.1 Primeira geração

---

<sup>4</sup> RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2013. ASSIS, Gláucia de Oliveira. **De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares dos novos migrantes brasileiros**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2011. MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho**. Bauri, SP: EDUSC, 2002.



→ **Célia Maria Magalhães Nobre**

Célia Maria Magalhães Nobre é natural do município de Senador Pompeu-CE. Chegou a Boa Vista em 1985, é graduada em Educação Física pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR), foi professora da Educação Básica no antigo Território Federal de Roraima. É casada e tem uma filha. Atualmente trabalha na Universidade Estadual de Roraima

Na sua narrativa Célia usa as expressões “eu sempre fui peituda”, “quando se quer, vence”, frases que denotam coragem para enfrentar os desafios na luta pela vida. Com esse pensamento firme de conquistar o seu próprio espaço e sua independência, no ano de conclusão do seu curso de Educação Física, em 1984, foi convidada por parentes para morar na Amazônia, tanto em Tocantins como em Roraima. Nessa época, Roraima, Tocantins, Amapá e Rondônia tinham necessidade de profissionais qualificados e propiciavam inserção direta no funcionalismo público federal.

A trajetória dessa depoente tem entre as questões centrais a liberdade e o prazer de trabalhar. Nesse momento, ela assume um papel importante na educação da filha e na economia da casa, porém seu cotidiano revela certa inversão de papéis, pois dedica a maior parte do seu tempo às atividades profissionais, ficando aos cuidados do seu companheiro as atividades domésticas e o acompanhamento da filha, prática que não ocorre sem tensões e reivindicações da filha e do esposo, mas que já faz parte do estilo de vida dessa família.

→ **Lena Souza**

Lena Souza<sup>5</sup> é natural de Natal-RN, de família de classe média, mas tendo como referência a cidade de Campina Grande, onde estudou, casou, teve seus dois filhos e se desquitou do primeiro marido. Foi professora da Educação Básica no período do ex-Território Federal de Roraima, porém, há mais de uma década, atua na Educação Superior.

Lena, toma a Amazônia como um lugar em que é possível viver tranquilamente e ser feliz. Para ela, a distância e a dificuldade de acesso eram aspectos identificados como positivos, pois lhe garantiam tranquilidade para viver livre do ex-marido e também reconstruir a vida distante da tradição familiar.

Os relatos de Lena configuram experiências que refletem os desafios e possibilidades do gênero feminino de sua geração. Por um lado, se observa avanço no campo educacional: fez

---

<sup>5</sup> Nome fictício em respeito à solicitação da depoente.



parte da juventude universitária campinense dos anos 70, entrando na universidade com 17 anos para cursar Engenharia. Entretanto, nessa mesma fase, iniciou a atividade profissional, também casou teve dois filhos, contudo, logo se separou, uma vez que o comportamento hostil do marido a impedia de viver tranquila e ameaçava a sua segurança e a de seus dois filhos.

Para ela, nessa época, ser uma mulher separada e, de certa forma, mais independente não era fácil, diz Lena:

*Indiretamente eu era rebelde, é tanto que eu fui a primeira mulher na família a se separar do marido, isso na época foi uma coisa do outro mundo. Eu batalhei, continuei cuidando dos meus filhos, dando minhas aulas, eu fazia faculdade de manhã e de noite e dava aula à tarde.<sup>6</sup>*

Sua experiência transgredia os valores tradicionais de sua família e da sociedade de origem a colocava como uma mulher de decisão, que protagonizou seu deslocamento, dos filhos e do segundo marido para Roraima. Seu segundo companheiro não aparece como um sujeito de participação ativa em sua vida, pois em seus relatos ele é quase invisível, conforme observação em diálogo com sua madrasta sobre sua experiência migratória:

*Foi de cabeça erguida mesmo que eu enfrentei a barra, barra de vir pra cá sozinha, naquela época, sem conhecer ninguém, porque essa menina que disse que aqui tinha emprego ela estudou comigo, pagou algumas disciplinas comigo, não era minha amiga.<sup>7</sup>*

Observa-se que o deslocamento da Lena para Boa Vista foi diferente do de Célia, que teve o apoio de parentes não só no acolhimento, mas também nos trâmites de admissão no funcionalismo público federal. Enquanto Lena, se inseriu por conta própria na sociedade de destino, tecendo sua experiência em Roraima nesses de 30 anos.

## 2.2 Segunda Geração

### → Maria Helena Valentim Duca Oyama

Maria Helena é natural do estado do Ceará, de Fortaleza, professora de Língua Francesa do curso de Letras da Universidade Federal de Roraima e, na ocasião da entrevista, era coordenadora do Núcleo de Estudos de Línguas e Literaturas Estrangeiras (NUCELI) da mesma instituição. Chegou a Boa Vista em 1990. Uma das razões de seu deslocamento foi sua

---

<sup>6</sup> Depoimento de Lena Souza, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 11/01/2014.

<sup>7</sup> Depoimento de Lena Souza, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 11/01/2014.



aprovação em concurso público<sup>8</sup> para o Magistério Superior da UFRR, sendo inclusive diplomada como uma das fundadoras dessa universidade. Formada em Letras, com habilitação em Português e Francês, pela Universidade Federal do Ceará, fez mestrado na área de Língua e Literatura Francesa pela Universidade de São Paulo e doutorado pela Universidade Federal Fluminense, também na área de Letras. Casada e tem um casal de filhos.

A entrevista foi realizada no NUCELE, núcleo do qual foi uma das idealizadoras, sonho que alimentava desde o período do Mestrado, no qual só se concretizou após o doutorado, momento em que o corpo docente do Departamento de Língua Estrangeira também estava qualificado.

A depoente fez parte do grupo de professores recém-formados que se aventuraram a trabalhar em uma universidade distante, no extremo norte do país, e em processo de formação. “A notícia de que Roraima estava precisando de professores para universidade atraiu muita gente e ao mesmo tempo pouca gente, porque eram os recém-formados que queriam enfrentar a viagem pro Norte.”<sup>9</sup> Assim, Maria Helena estava entre os primeiros profissionais que se deslocaram para Roraima para atuar no Ensino Superior.

#### → **Evilene Barbosa**<sup>10</sup>

Evilene é também natural de Fortaleza, onde viveu até seus 21 anos. Fez universidade e também teve suas primeiras experiências no mercado de trabalho. Trabalhava com seus padrinhos em uma editora.

Seu primeiro contato com o Estado de Roraima, ocorreu no momento da implantação da Universidade Federal de Roraima, uma vez que seu noivo participou do projeto de criação desta instituição. Ligação que a fez visitar Boa Vista e manter algumas amizades nessa cidade. Entretanto, o projeto de morar em Roraima com o noivo não se concretizou, o mesmo adoeceu, retornou a Fortaleza e falecendo posteriormente.

Evilene superou esse momento difícil, e continuou se comunicando com as amigas de Roraima, que sempre dialogava sobre as facilidades de trabalho para professor:

---

<sup>8</sup> Por não ter um segundo candidato, Maria Helena solicitou fazer o concurso em Fortaleza. Seu deslocamento já tinha um objetivo definido: assumir o cargo de professora do Ensino Superior na Universidade Federal de Roraima, que estava em processo de implantação.

<sup>9</sup> Depoimento de Maria Helena Valentim Duca Oyama, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 15/05/2013.

<sup>10</sup> Evilene também solicitou um nome fictício.



*[...] a gente escolhia o lugar que trabalhava, porque era uma carência enorme de professor e eu já era formada, então eu estava a fim de mudar de vida, de ter a minha liberdade, de fazer alguma coisa, aí aconteceu. Elas disseram que eu podia vir que tinha lugar aqui na casa delas, aí eu achei legal e vim.<sup>11</sup>*

Desde então, Evilene vive em Boa Vista desde 1992 e, atualmente, tem uma agência de eventos, trabalha especialmente com preparação de casamentos, atividade com a qual também se sente realizada.

### **Terceira geração**

#### **→ Josefa Lenira Henrique da Costa**

Nasceu em Umbuzeiro-PB, chegou a Boa Vista em 1995 sendo professora da Educação Básica do Estado. O seu desejo de tomar conta da própria vida, não só profissionalmente, levou-a a migrar para Boa Vista para morar com sua irmã, que já resedia na capital roraimense, e também era professora. Lenira preserva suas lembranças, suas raízes, como ela mesma relata: “Vim parar nesse mundinho de Deus, bem longe da minha terra. E aqui eu fiquei, criei minhas raízes, mas eu não deixei de pensar e amar o meu povo que ficou por lá.”<sup>12</sup>

Lenira pertence a uma família grande de doze filhos, sendo ela, a mais nova. Seus familiares, quase todos, vivem em lugares diferentes, principalmente em São Paulo, mas sua mãe e dois de seus irmãos, ainda permaneceram no município de origem, Umbuzeiro-PB.

Sua narrativa é acompanhada de preocupações pedagógicas. Nas entrevistas concedidas na escola Euclides da Cunha, em que ela atuava como gestora, se pôde observar sua satisfação com o trabalho e como resolvia as questões escolares com alunos(as), professores(as) e funcionários(as) com certo desprendimento da hierarquia.

No decorrer da narrativa de sua experiência, Lenira não problematiza as relações de desigualdade, mas demonstra cuidado para não ficar vulnerável a situações em que a mesma não tenha o controle da própria vida. Para isso, ela tem como referência as mulheres da família que ela considera guerreiras, como sua avó. Também recorda a participação da mãe no processo de formação e sustentação da família, que, mesmo na condição de agricultora, se mostrava como uma mulher com poder de decisão junto aos filhos e ao esposo. Ele não era tão presente

---

<sup>11</sup> Depoimento de Evilene Barbosa, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 19/03/2014.

<sup>12</sup> Depoimento de Josefa Lenira Henrique da Costa, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 17/03/2014.



na narrativa, mas foi configurado como um homem sensível e aberto às mudanças, tomando como exemplo sua atitude frente à decisão da filha de migrar para Roraima e não se casar.

A história de Lenira se passa entre Umbuzeiro e Boa Vista, dois lugares distantes, o que faz com que, às vezes, a saudade aperte, mas, como ela mesma diz: “Essas coisas boas é que me fazem sentir saudade e ao mesmo tempo saber que, mesmo sentindo saudade, hoje eu estou fazendo parte da transformação de outro lugar, de outra cidade, de outras pessoas.”<sup>13</sup>

#### → **Antonia Matos da Silva**

Antonia é maranhense do município de Vitorino Freire. Antonia é funcionária pública da Prefeitura Municipal de Boa Vista. Chegou a nesta cidade em 1998. Sua trajetória revela uma experiência entre o campo e a cidade. Aos 13 anos se fixou na cidade de Vitorino Freire para estudar e aos 15 anos se casou, tendo uma filha aos 18. Entretanto, nesse mesmo ano se separou e, com o objetivo de reconstruir a vida, migrou para Roraima, onde mora uma irmã. Ocasão que retomou os estudos e começou a trabalhar em um supermercado – trabalhava durante o dia e estudava à noite. Depois de um ano, conheceu o atual marido, com quem vive há 15 anos. Observa-se sua satisfação em relatar a nova experiência com o atual marido e a “nova mulher” em que está se transformando na capital roraimense:

*Vivo já com meu marido há 15 anos, mas é totalmente diferente a minha relação que eu tenho com o meu marido atual. Primeiro porque eu aprendi a me respeitar, porque eu acho que a mulher primeiro tem que respeitar ela própria, porque a partir do momento que a gente aceita o companheiro chegar ao ponto de lhe dominar, ao ponto de bater, de cometer violência e a mulher ficar calada sem fazer nada é porque ela própria não tem respeito por ela. Então eu acredito assim que a mulher tem primeiro que gostar dela própria. Depois que ela saber conhecer ela própria, aí sim ela pode pensar em gostar de outra pessoa.<sup>14</sup>*

Nesse relato observa-se que “o deslocamento não é suficiente para mudar, para a libertação, indica uma vontade de rupturas que cria as possibilidades de um futuro”. (PERROT, 2005:297). Assim, não é o deslocamento em si que propicia mudanças nas pessoas, mas a forma como cada uma se apropria do espaço e se dispõe a se reconstruir e aproveitar as oportunidades que lhe foram oferecidas.

---

<sup>13</sup> Depoimento de Josefa Lenira Henrique da Costa, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 17/03/2014.

<sup>14</sup> Depoimento de Antonia Matos da Silva, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 19/01/2014.



Em Boa Vista, Antonia construiu outros espaços não só profissionais, mas intelectuais e afetivos. Percebe-se o orgulho em relatar as mudanças conquistadas em Boa Vista, onde se sente valorizada e dona de si. Seu atual relacionamento é uma das conquistas significativas que se ajustam a esse perfil de sujeito mulher que ela configura. É a única que se identifica de forma autêntica como feminista.

### 3. análise das trajetórias

Após a reconstrução das trajetórias das entrevistadas pelos três grupos, foi possível revisitar as narrativas dessas mulheres, suas representações do lugar de origem, de suas possibilidades e seus deslocamentos, assim como, identificar gêneros de mulheres que, no seu processo de formação, já vivenciavam experiências e buscavam alternativas em direção à liberdade, ao direito de escolher algo que compreendem melhor para si, para a família e até mesmo para o lugar de origem. Ou seja, trata-se de mulheres inconformadas com a perspectiva do lugar de origem/referência, que tomaram a Amazônia por diferentes questões e alternativas.

Verifica-se que cada uma dessas mulheres, mesmo se deslocando sozinhas, não estavam sós, nem em seus lugares de origem, nem nos de destino. Pois a configuração das redes migratórias envolvia relações de família, amigos, colegas de estudo e de trabalho, tanto no Norte como no Nordeste. Tendo a universidade, de forma direta ou indireta, identificada como um dos espaços de divulgação das oportunidades na Amazônia.

Essas relações permitem observar que no Nordeste já havia um processo de formação da mulher em direção à autonomia, como a prática de incentivo aos estudos e da inserção em outros espaços além do setor familiar, o que impulsionava o surgimento de outras possibilidades, assim como outras mulheres nordestinas contribuindo com o processo de deslocamento e conquista da autonomia de outros gêneros femininos nordestinas.

Dessa forma, as lutas feministas provocadas pela segunda onda, parecem ter atingido outros seguimentos de pessoas que estavam distantes da atuação e compreensão política desse movimento, pois se verifica que uma nova feminilidade estava se configurando em diferentes gêneros femininos:

*Las mujeres se pensaron como capaces de construir carreras propias y exigir relaciones más igualitarias con sus parejas. Estas nuevas prescripciones, evidentemente, no serán asumidas por todas, por lo que muchas mujeres vivirán estas nuevas formas de femineidad sin identificarse con el feminismo, viviendo todo esto en forma individual, como una elección al interior de las innumerables prescripciones que estaban siendo constituidas en la época. (PEDRO, 2011: 206).*



Nota-se que as novas subjetividades de ser mulher<sup>15</sup>, influenciadas pelas lutas feministas, estava presentes nas narrativas das três gerações, pois se observam mulheres nascidas na década de 1950 investindo na própria formação e na carreira profissional com sede de liberdade para conquistar o próprio espaço. Nesse contexto, de forma direta ou indireta, elas questionavam as relações de poder nos lugares de origem, nos espaços familiares e conjugais. Observando aspectos com maior destaque para Lena que denunciam a desvalorização da mulher e a falta de assistência por parte do poder público. Então, constata-se que o deslocamento representava um instrumento de mudança da condição da mulher e um meio de se afastar da sociedade de origem.

A segunda geração pertencente à década de 1960 e se revela como um grupo que questiona mais as relações de poder entre homens e mulheres, pois nessa conjuntura já havia o investimento na formação e na carreira profissional da mulher. Também justifica-se nas narrativa que configuram ser mais exigentes com a vida a dois, buscando relacionamentos que levem em consideração a igualdade de gênero.

A terceira geração, dos anos 1970, observa-se que não apresenta tanta diferença em relação à geração anterior, uma vez que de forma direta e indireta já vivenciou as conquistas do feminismo e da modernização das sociedades urbanas dos anos 1990, e as subjetividades de gênero se mostravam mais independentes nessa fase. Ainda que as mudanças culturais sejam lentas e nem todas as mulheres de uma mesma geração usufruíam delas, uma vez que são impedidas por sociedades conservadoras, que tendem a bloquear as oportunidades das mulheres em direção à autonomia.

Contudo, é possível observar movimentos de mudanças, mulheres buscando meios para cuidar de si mesmas, redesenhando suas próprias vidas, questões que abrem possibilidades para a formação de outras redes que conjugam novas subjetividades de gênero, manifestações que se apresentam no final do século XX, no Brasil e nas sociedades ocidentais.

### 3. Significado da experiência migratória

---

<sup>15</sup> Toma-se a ideia de modos de subjetividade de Foucault, que os vê enquanto “temas fabricados em um certo momento da história, e que portanto podem ser criticados, desconstruídos e destruídos”. Cf.: COLLINGD, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio (Orgs.). **Dicionário crítico de gênero**. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2015, p.608-9.



Com relação ao significado da experiência migratória, as entrevistadas atribuíram diferentes significados como bens materiais, paz, tranquilidade e independência, perspectiva observada no depoimento de Lena:

*A minha vida aqui tem sido muito boa porque eu vim pra cá atrás de paz e, depois de muita coisa, eu encontrei a paz e a tranquilidade. Faço meu trabalho tranquilo, não tenho marido me perturbando. Eu moro com um filho, sou completamente independente.*

Para Célia, o bem-estar e a liberdade para fazer o que gosta: “Hoje eu me considero rica de saúde e rica de eu ter condição de ter minha casa, ter um apartamento. Eu não tenho mais coisas porque eu acho que isso aí não vale nada. Eu quero viver bem, no dia que eu quiser viajar, eu viajo. ”São experiências que proporcionaram a construção de outras representações de si e de outros espaços não só no profissional, mas também no campo afetivo.

Maria Helena, uma das diplomadas como fundadora da universidade, fala da sua experiência para além do profissional:

*A experiência foi altamente produtiva. Aqui que eu me realizei profissionalmente, aqui eu montei o meu lar, minha casa, minha família. Eu uso esse “minha”, mas na verdade eu não gosto. Nossa família, nosso lar e tudo mais. [...] se hoje você me perguntar se eu quero voltar pra lá, eu digo que não. Estabeleci laços, laços de amizade, laços financeiros, porque você se realiza [organiza] em torno do abono de férias, do décimo terceiro. Então, se não trabalhar, não tem. Eu gosto de Boa Vista, gosto do clima, me adaptei. Aqui eu curei uma sinusite, daquelas bem ruim de entupir tudo, cheguei a trabalhar, sol quente sarou. Então essa mudança climática foi pra mim muito boa, apesar de eu adorar a praia, o mar e a brisa da Praia do Futuro, Caça e Pesca.<sup>16</sup>*

Maria Helena relata com satisfação sua experiência enquanto pessoa na capital roraimense. Percebe-se que é uma das mulheres que apresenta vários sentidos para a experiência migratória, que, como ela mesma diz, “foi altamente produtiva” desde a realização profissional até a afetiva e familiar. Tais aspectos contribuíram para que Boa Vista se tornasse sua principal referência.

### **Considerações finais**

---

<sup>16</sup> Depoimento de Maria Helena Valentim Duca Oyama, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 15/05/2013.



Pode-se constatar nos relatos das entrevistadas, representações de gêneros femininos com formações mais flexivas que possibilitaram escolher e desenhar seus sonhos, desafios que nem sempre ocorreram sem tensões e dificuldades, contudo, o capital humano tanto de coragem para enfrentar o desconhecido quanto de potencial favoreceram no processo de conquista de outros espaços na capital roraimense, configurando, dessa forma, gêneros de mulheres mais independentes.

Nesta análise, o deslocamento da Amazônia configura um lugar de oportunidade e qualidade de vida, aspecto observado nos discursos acadêmicos no Nordeste e confirmado nos relatos de experiências das mulheres, a exemplo de Maria Helena. Outro deslocamento, refere-se à configuração de mulheres protagonista para Amazônia, onde a migração masculina e de família são mais visíveis na historiografia regional em especial de Roraima. Portanto, evidencia-se de trajetórias construídas com os múltiplos sentidos de suas concepções de ser mulher no início do século XXI e de suas atribuições a experiência migratória na capital roraimense.

## Referências

ASSIS, Gláucia de Oliveira. **De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares dos novos migrantes brasileiros**. Florianópolis: Mulheres, 2011.

COLLINGD, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio (Orgs.). **Dicionário crítico de gênero**. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2015

FERREIRA, Marieta de Moraes. A história oral: um inventário das diferenças. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). **Entre-vistas: abordagens e usos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1993.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MATOS, Maria Izilda dos Santos. **Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho**. São Paulo: EDUSC, 2002.

PEDRO, Joana Maria. Los sentimientos del feminismo. In: GARCIA, Gerardo Necochea; MONTENEGRO, Antonio Torres (Compiladores). **Caminos de historia y memoria en América Latina**. Buenos Aires: Imago Mundi, 2011.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru, SP: EDUSC, 2005



PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Novos temas na História**. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2013.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SCOTT, Joan Wallach. **História das mulheres**. In: BURKE, Peter (Org.). **A Escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Unicamp, 1992.

\_\_\_\_\_. **Gênero: uma categoria de análise histórica**. 3ª. ed. Recife: SOS CORPO, 1996.

\_\_\_\_\_. A invisibilidade das diferenças. **Projeto História**. Revista do Programa de Estudos de Pós-Graduação em História e do Departamento de História da PUC. São Paulo, nº. 16, EDUC, fev. 1998.

VALE, Ana Lia Farias. **Nordeste em Roraima: migração e territorialização dos nordestinos em Boa Vista**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2014.